

PROCESSOS DE RECEPÇÃO: CONSUMO DE TELENVELA POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE PERIFERIA EM ARAGUAÍNA

RECEPTION PROCESS: CONSUMPTION OF TELENVELA BY WOMEN IN THE SITUATION OF PERIPHERY IN ARAGUAINA

Ana Rosa Carvalho de Oliveira 1
Plábio Marcos Martins Desidério 2

Mestranda em Território e Cultura, com ênfase em Estudos de Gênero. É especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Tem experiência na área de Química, com ênfase em Educação em Ciências. E-mail: anarosaoliveira@uft.edu.br

Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (2013). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (2004). Professor da Universidade Federal do Tocantins lotado no Colegiado de História. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Pesquisador na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia da comunicação, mídia, televisão, telenovela, gênero, cultura popular, cultura urbana, mídias sociais, cinema, cinema na fronteira e estudos de recepção. E-mail: plabio@mail.uft.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma compreensão dos processos de consumo cultural entre mulheres que se posicionam periféricamente na cidade de Araguaína. A proposta da compreensão é como esse consumo da telenovela é realizado; quais são as mediações; os sistemas de representação; os sentidos mobilizados no processo de recepção das telenovelas; e como esses sentidos são articulados pelas mulheres, a partir de um experimento etnográfico. Para auxiliar nessa compreensão recorre a alguns apontamentos teóricos, como a perspectiva de Stuart Hall sobre cultura e representação, outros como, Jesús Martín-Barbero sobre a discussão de produção, consumo e mediação, e Ana Carolina Escosteguy sobre recepção.

Palavras-chave: Telenovela. Recepção. Mulheres. Periferia. Araguaína.

Abstract: This study aims to develop an understanding of cultural consumption processes among women who are peripherally located in the city of Araguaína. The proposal of understanding is how this soap opera consumption is realized, what are the mediations, the systems of representation, the senses mobilized in the process of receiving the telenovelas and how these senses are articulated by the women, from an ethnographic experiment. To assist in this understanding, he uses some theoretical notes, such as Stuart Hall's perspective on culture and representation, others such as Jesús Martín-Barbero on the discussion of production, consumption and mediation, and Ana Carolina Escosteguy on reception.

Keywords: Telenovela. Reception. Women. Periphery. Araguaína.

Introdução

A cultura, enquanto elemento que pode ser consumido, é uma questão que precisa ser re(a)presentada e sempre analisada, tendo em vista que o consumo cultural depende de fatores que venham possibilitar o acesso e seu fim, tais como classe social, raça e gênero. Dessa forma, o significado atribuído por quem assiste televisão não acontece de uma forma homogênea e depende de como os significados são negociados dentro do que lhes é apresentado.

A mediação é o processo que acontece e configura a materialidade social e expressividade cultural da televisão, uma vez que o meio traz uma articulação com a cultura e os sujeitos do processo, pensando nos espaços sociais que são assumidos. O consumo de telenovela é um exercício familiar, tendo em vista que envolve o cotidiano e as experiências diárias, isso faz a articulação dos sentidos e significados para quem a assiste. A recepção traz um sentido *multirreferencial*, ou seja, de como o discurso televisivo é entendido e como se articula na cadeia comunicativa, de como é interpelado através de sentidos aplicados sobre ele por quem os assiste, incluindo as mulheres, que é a proposta deste trabalho.

Iniciamos assim uma proposta de análise para compreendermos como que essas mulheres a partir de suas experiências e práticas, suas rotinas de consumo desse produto midiático televisivo, observam as representações e as diferenciam de suas realidades. Pensando suas rotinas, dentro e fora de casa e como os espaços públicos são utilizados, partindo da perspectiva feminista de que o privado é pessoal, e o pessoal é político.

A partir do movimento das experiências cotidianas e da construção de subjetividades das mulheres com a periferia, a análise se embasa em como elas interpretam o consumo das telenovelas, em sentidos e significados. Essa reflexão e os sentidos que têm diante de seus comportamentos do cotidiano considera a vivência que elas têm com a vizinhança e a relação com as mulheres que são próximas a elas. Essas relações sociais geram um processo de territorialidade, uma zona segura que influencia, os sentidos construídos tanto quanto a recepção da mídia, em um processo de mediação.

A trajetória de pesquisa se edificou a partir do contato com essas mulheres, por perceber que há mediação entre as experiências e vivências delas com os significados atribuídos no processo de recepção. Através de uma experiência etnográfica foi constituída a metodologia, que é sensível em análise compreendendo o cotidiano dessas mulheres, que tanto ficam à margem no processo político de constituição de sociedade e das relações que elas constroem entre si.

Quem fala?

Nosso foco é discutir, a partir de algumas contribuições teóricas, a recepção de telenovelas nos estudos culturais pensando a cultura construída pelas mulheres¹. Considerando que essas mulheres moram na periferia, que elas têm uma rotina de trabalho externo e trabalho doméstico, ou seja, elas assumem trabalhos que são subalternizados socialmente, analisando dentro de suas rotinas o consumo da telenovela diariamente, isto é, como é organizada essa rotina e o que isso representa.

Spivak (2010) traz a reflexão de que a partir do mundo global e capitalizado as mulheres assumem lugares em que são consideradas homogêneas, nas quais a diferenciação dentro do meio traz o sujeito heterogêneo. Ela descreve o termo subalterno como a constituição das baixas camadas sociais considerando a exclusão do mercado de trabalho, as representações da política e ainda a possibilidade de participar do estrato social dominante. Isso faz com que as mulheres e os trabalhos, dentro da perspectiva da globalização, não sejam valorativos, dado pelo modelo capitalista de trabalho que é assumido no âmbito doméstico e pessoal, sendo a base para que o modelo consiga caminhar.

Assim, o sujeito periférico, como D'Andrea (2013) defende em sua tese, é um substantivo feminino, que delimita em vários aspectos o território, construindo a identidade

¹ Esses apontamentos são construídos a partir de reflexões para uma pesquisa de mestrado em que está em curso.

da periferia. Aspectos como distância e tempo para chegar na *urbe*², a experiência social e histórica comum e compartilhada, e “[...] o ciclo histórico de não aceitação de intermediários para dizer o que são ou como devem pensar[...]”³. São esses aspectos compartilhados por essas pessoas, que formam o sujeito periférico.

Dessa forma, pensar na periferia como lugar-comum entre as moradoras e os moradores de Araguaína, é entender o peso que esses fatores apresentados por D’Andrea (2013) tem sobre as identidades dos sujeitos periféricos e podemos pensar também no termo subalterno, quando estão submetidas a uma forma hegemônica de se delimitar em seu meio. A periferia se distancia do centro, não apenas em termos de distância territorial, mas quando analisamos o acesso aos serviços que são proporcionados, com as dificuldades de transporte, com uma distância considerável de serviços básicos de qualidade, como escolas e hospitais.

Quando falamos em periferia, falamos nos sujeitos que as compõe, para essa pesquisa focamos os sujeitos que assumem trabalhos socialmente subalternizados. Assim as mulheres que tem trabalhos informais, como de vendas e o trabalho doméstico, são as que compõem a maioria nesse lugar.

No contexto em que realizamos esta pesquisa, a cidade de Araguaína, considerando o fato de que as mulheres também estão submetidas a discriminações que fazem parte do sistema patriarcal que está posto, uma vez que elas compartilham dessa vivência, e nas possibilidades de vivência nesse território, então elas comungam de um sentimento de solidariedade, criando uma rede de apoio.

D’Andrea traz que “[...] *sentir-se periférico* se expressa em uma gama variada de experiências de ordem prática que, mesmo não dando conta de todas as experiências possíveis, contribuíram para a formação de um sentido de pertencimento a uma situação social compartilhada” (2013, p.139). Com as mulheres, a questão da solidariedade é reforçada, dentro de suas experiências e realidades comum, muitas vezes em uma rede de apoio, uma com as outras.

É preciso mostrar o contexto que essas mulheres se encontram, pensando em suas rotinas de uma forma ampla, que as atividades são variadas e os lugares que ocupam ainda que sejam todas moradoras da periferia. O trabalho doméstico é uma constante para as mulheres e adicionado a isto o trabalho externo, entendendo que ambos são atividades da esfera produtiva, como abordam na construção da crítica feminista⁴. Dentro da rotina, focaremos no momento em que elas assistem as telenovelas, uma discussão do que significa esse momento e como as representações das telenovelas podem interpelar suas concepções e visões de mundo.

Martín-Barbero (2008) mostra-nos que as telenovelas fazem uma aproximação com o cotidiano da telespectadora, uma aproximação com a realidade vivida, ou seja, está ligada às informações que são construídas, a partir o trânsito de informações que essas pessoas acessam. O consumo de telenovela é familiar, tendo em vista que esse consumo envolve o cotidiano e ainda as experiências diárias, isso faz com que aproxime os sentidos e significados para quem assiste, que são ressignificados a partir da preferência de onde se faz a leitura. Dessa forma, as novelas são ressignificadas, diante das experiências de cada

2 O autor aponta a *urbe* como a transitoriedade dos jovens em conhecer os processos urbanos, da periferia, como lugar, ao centro.

3 Na tese do autor defende essa definição de sujeito periférico, na qual a retirada da citação, foi um artigo nomeado “Periferia, substantivo feminino”, publicada na Revista Geni, que se descreve como: “Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela é pensada e editada por um coletivo de jornalistas, acadêmics, pesquisadorxs, artistas e militantes. Geni nasce do compromisso com valores libertários e com a luta pela igualdade e pela diferença. ISSN 2358-2618 <http://revistageni.org>”.

4 As autoras Helena Hirata e Danièle Kergoat, em “Novas configurações da divisão sexual do trabalho”. Trazem uma discussão que a divisão do trabalho doméstico é sexual, garantindo uma relação social entre os sexos. Ainda abordam no texto que as desigualdades são sistemáticas, e como essa divisão é usada para hierarquizar as atividades. O que não conseguimos discutir nesse artigo por completude essa configuração.

mulher ao estar em contato com aquela linguagem.

Para isso, a mediação é o processo de negociação de significados e, segundo Lopes (2002, p. 40) “[...]a mediação no processo de recepção de telenovela deve ser entendida como processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles dos sentidos dessa interação[...]”. O processo televisivo é entendido como a interação da mídia de quem produz para quem assiste, uma vez que o processo de mediação acontece através da recepção no meio, sobretudo de como são negociados os significados e representações atribuídos naquele território.

Dessa forma, no contexto discutido neste artigo repensamos sobre como a rotina das mulheres estabelecem esse processo, uma vez que Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 40) afirmam que “[...] a recepção é um processo e não um momento, isto é, ela antecede e prossegue o ato de ver televisão[...]”. Assim, dentro das experiências diárias os significados são reforçados e/ou repensados, construindo a subjetividade dessas mulheres movimentando as relações, o que elas consomem da mídia e como elas significam isso. Esse processo metodológico da experiência etnográfica nos possibilita esse acompanhamento da rotina, em que a característica das atividades é de subalternidade, em um processo mútuo social e economicamente. A partir da compreensão das relações de gêneros e como são construídos esses processos com as mulheres, sobretudo as mulheres negras, dentre as necessidades e direitos não garantidos pelo Estado, a discussão evidencia a vivência delas, trazendo a construção de si, e o quanto a mídia poderia evidenciar esse processo formativo para as mulheres.

O que fala?

A linguagem televisiva é mais uma forma de mediar concepções, trazendo estereótipos e enunciados, que dialogam com quem os assiste. Para a construção dessas concepções, o diálogo é consideravelmente um mecanismo de construção das experiências e de como as representações são entendidas e principalmente explicadas. De modo que, a compreensão dos significados de quem assiste não acontece de uma forma homogênea e depende de como são negociados dentro do que lhes é apresentado e das experiências pessoais.

No Brasil há uma alta produção de telenovelas, reconhecida mundialmente, e que fazem parte do cotidiano de brasileiras e brasileiros, fazendo uma aproximação de “gostos, valores e do cotidiano das pessoas”, como coloca Ondina Leal (1986, p. 25 apud Tonon, 2006, p. 35), uma das pioneiras a fazer essa caracterização de quem assiste telenovelas.

Na década de 70 houve uma expansão no mercado para a comercialização da televisão, na qual houve a entrada desse no ambiente doméstico, em que a programação entra na rotina das famílias brasileiras. O que também acontece na rotina das mulheres que atuam no ambiente pessoal⁵. Ainda que as mulheres, ao longo da história, assumem as atividades domésticas como intrínsecas a elas, com o trabalho doméstico e de cuidados, a televisão e o rádio facilitam o uso desses meios de comunicação com as mulheres.

Dentro da lógica patriarcal há uma recorrente afirmação de que as mulheres são as responsáveis pelas atividades domésticas e de cuidado, o que gera, dentre outras coisas, desigualdade de gênero⁶. Constrói-se um ciclo violento na atividade doméstica, uma vez

⁵ O uso do termo pessoal é em virtude de o privado ser designados pela lógica do liberalismo. Dessa forma ao falar que é pessoal, trazemos o que as mulheres vivem para o político, ou seja, visibilizando a importância da realidade vivida como organicidade social.

⁶ Como traz a autora Lorena Francisco de Souza “O termo gênero passou a corresponder às afirmações que compreendiam as relações desiguais entre homens e mulheres como construções a partir de um discurso social que explica as funções destinadas a cada uma(um).” (2008, p.149). Entendendo essa diferença é trazido no texto a categoria mulher para reafirmar essa condição, como também uma existência subjetiva e particular da categoria.

que se pensarmos que na década de 70 as mulheres organizadas através do feminismo, reivindicavam a entrada no mercado de trabalho, no entanto ao se tratar das mulheres negras é importante apontar que elas já eram responsáveis pelo trabalho, tanto doméstico quanto no subemprego⁷. As mulheres negras marcadas por um processo racial assumiam as atividades domésticas e de cuidados, mesmo fora das discussões, a qual não considerava as particularidades delas.

De um modo geral, quando uma mulher chega ao mercado de trabalho, outra precisa assumir a sua função na organização do lar e no cuidado (de crianças pequenas, por exemplo). Mas, para isso, essa subordinada tem de encontrar uma terceira pessoa, quase sempre do sexo feminino, para ficar no seu lugar em casa, já que também tem filhos e uma casa para manter em ordem. (TEXEIRA; FARIA, 2018, p. 4)

A partir do sistema econômico neoliberal podemos avaliar como o processo valorativo dessas atividades, quando assumidas pela subalternidade, são trabalhos básicos que garantem que o movimento de trabalho em outras esferas. Dessa forma as mulheres que assumem os trabalhos domésticos em outra casa, são mulheres⁸ negras, de classe social mais baixa, e muitas moram na periferia. Almeida (2002) retrata que há uma associação midiática de propagandas e telenovelas que reforçam a associação com o trabalho doméstico, refere-se também os produtos comercializados, trata o ambiente doméstico feminilizado. A autora ainda traz que “[...] tais construções afetam as relações familiares, com a associação entre necessidades do lar e afeto feminino ou maternal [...]” (p.187).

Entendemos que as mulheres compõem um quadro de pessoas que assiste telenovelas, mas não são as únicas. Como afirma Almeida (2002, p. 178), “mesmo reconhecendo que os homens também assistem novelas, consideram que as mulheres teriam maior envolvimento com a narrativa”. Esse envolvimento que cita a autora é produzido através da linguagem, uma vez que acontece a aproximação dessa narrativa, sendo colocadas num contexto do cotidiano e suas práticas, citando como o exemplo as propagandas que são passadas no momento de cada novela.

Os sentidos preferenciais são articulados diante das práticas e sentidos compartilhados, são construídos a partir dos contatos que as rodeiam, como da família e as mulheres próximas, amigas, vizinhas, sogras e mães, criando uma rede de contatos. Essas leituras acontecem a partir dos códigos que já se têm ou teve contato que trazem sentidos e de acordo com Hall (2003), o texto é um fator delimitador da decodificação.

Hall (2003) aponta o processo de significação em leituras preferenciais, de negociação e oposição, onde a linguagem pensada é uma tentativa de hegemonizar a audiência, é uma forma de leitura que já está implícita a forma como deve ser lida. Perceber o lugar que essas mulheres atravessam faz-nos compreender a construção do sentido para cada informação produzida. A partir da telenovela esse sentido é negociado com suas referências e leituras, construídas em suas vivências e experiências. Traz significados para certa leitura que é como se fosse um “sonho de poder”, em que “[...] o elemento da leitura preferencial se situa no ponto onde o poder atravessa o discurso, está dentro e fora da mensagem[...]” (HALL, 2003, p. 345). Entretanto, o processo de recepção possibilita ler/decodificar a partir de suas subjetividades, o que vai além do esperado.

Para pensar a partir construções históricas das mulheres é necessário que se en-

7 Subemprego/subalternidade

8 Nesse caderno traz toda construção teórica de avanço do conceito de trabalho para as mulheres, consta o avanço histórico que as mulheres brasileiras passaram no âmbito do trabalho, o que também consta que os trabalhos informais aumentaram, onde não se colocam nos direitos trabalhistas. Trazendo a questão da pobreza para as mulheres brasileiras segundo as autoras: “É preciso reavaliar o conceito de inatividade, considerando que a maior parte das mais de 41,6 milhões de mulheres está envolvida em atividades de reprodução social e de cuidados essenciais para a produção econômica”. (TEXEIRA e FARIA, 2018, p.10).

tenda a construção de sentido a partir da sociedade como um todo. O sistema patriarcal coloca condições de sociabilidade, naturalizando opressões, deste modo a sensibilidade da crítica feminista nos apresenta o gênero nas relações de poder. É a partir dessa ótica que serão analisados os significados de linguagem e os referenciais.

Essa leitura depende de como esse significado é interpelado, como acontece a construção de sentido a partir da linguagem, que é assimilada e se torna informação, em que se consolida mentalmente, o que depende de como a representação é entendida, uma vez que segundo Hall:

A representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo às pessoas. [...] Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma cultura. (2016, p. 31).

A telenovela traz representações que os significados são fluidos e de acordo com quem os estão interpretando. As telenovelas trazem o cotidiano e a identificação dos telespectadores com as telenovelas, faz um processo de autor reconhecimento, assim como afirma Tonon:

Sua importância cultural reside no fato de tornar-se espaço de consumo e intervenção cultural, de circulação de sentidos e mensagens, pertencente a um universo de significação, intervenção, discussão e introdução de hábitos e valores, representação de identidades e diferenças, indo ao encontro de demandas e convenções sociais hegemônicas, como também contribui para mudanças sociais ao aprofundar questionamentos, mais do que uma simples reprodução do sistema. (2006, p. 7)

Logo quando pensamos na forma que as mulheres são representadas, para que o sentido seja entendido, vale rever o lugar que se encontra as telespectadoras. Sobretudo para construir esse trajeto, foi escolhido metodologicamente a partir dos estudos culturais o conceito de recepção:

[...] que por conseguinte, não é um processo redutível a fatores psicológicos e à vida cotidiana, a despeito de ancorar-se nessas esferas, mas é um fenômeno profundamente político e cultural. Isto é, os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é por isso um contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas. (LOPES, 2014, p.67)

Entendendo as relações que essas mulheres têm em suas vidas diárias e em determinados contextos é que articulam os significados do que elas assistem. Dessa forma as experiências que elas têm enquanto mulher, universitárias, mães, esposas, namoradas, trabalhadoras é o que faz cada representação e linguagem construir o sentido e significados. Essa construção é interpelada por elementos que elas constroem dentro de suas

existências, individuais e coletivas, sendo estruturadas em todo o espaço comunitário que se encontram.

Dessa forma, a recepção é feita não apenas como é consumida o produto, mas como acontece o processo de sentido a partir do que é vivido internamente individualmente para o campo coletivo. Ana Carolina Escosteguy explica que: “É a recepção ou a valorização da capacidade dos receptores populares em produzir sentidos diferentes aos priorizados pela cultura hegemônica que desponta como a problemática que vai viabilizar esse deslocamento” (2018, p. 106). Através da recepção é possível entender como o processo midiático, nesse caso as telenovelas, são recepcionadas e entendidas na visão de quem as consome, entendendo a produção do sentido a partir do lugar que se desloca a significação de sujeito em que nesse caso estamos falando das mulheres.

Cuidam-se

O sujeito é composto por elementos subjetivos formadores através de experiências, práticas, aprendizados, convivência e os valores constituídos pela sociedade. Socialmente o hegemônico é padronizado pelo homem, branco e hétero. A condição de mulher compõe uma construção, que culturalmente, não atende esse padrão. Ainda quando tratamos das mulheres negras, em que estão em posições desiguais de classe marcadas por uma sociedade racista.

As diversidades das mulheres são marcadas por vários elementos, sendo eles de classe, raça, sexualidade, entre outros, que traçam as construções de si e suas subjetividades. A divisão do trabalho a prática social é que as mulheres assumem cargos baixos e com menores salários, muitas exercem o trabalho de cuidados e doméstico, em que não tem a valorização econômica no sistema liberal, ainda que na ótica feminista seja um trabalho estruturante para a manutenção do funcionamento mínimo da esfera doméstica e econômica.

O Dicionário Crítico Feminista (2009) nos aponta a diferença entre trabalho e tarefa que define a hierarquização deles a partir do viés econômico, sendo o primeiro assalariado, dessa forma há a hierarquização de quem os faz. A desigualdade de gêneros apresenta os trabalhos informais e nessa composição, há de se pensar que temos trabalhos externos e os domésticos, naturalizando as desigualdades e a permanência das relações de poder. Exercendo jornadas altas de trabalho em que fortalece a relação de poder com público – privado, contudo o que é privado, o Estado não assume, o que podemos relacionar a vivência das mulheres nesse ambiente com o pessoal, que por sua vez dessa forma há uma dimensão política na discussão de direitos e condições seguras para quem exerce essas atividades.

Os trabalhos de cuidados são construídos segundo Teixeira e Faria (2018) a partir de preocupações como o cuidado de si e de pessoas dependentes, do ambiente na qual gera um envolvimento íntimo emocional, psicológico e objetivo, como a higienização e alimentação. Nessa perspectiva o trabalho que envolve emocionalmente tanto quem cuida como quem é cuidado e submerge as dimensões ideológicas de afetos e emoções.

Contudo o entendimento ideológico patriarcal da organização social trata que esse trabalho é naturalizado a partir de nossa essência biológica construindo nossas funcionalidades culturais enquanto mulher, o que afirma paradoxalmente o campo da masculinidade com a racionalidade e a brutalidade, como elucida Marcondes (2017). A autora afirma que há um envolvimento ético sobre esse trabalho, que faz com que se entenda a autonomia ideal de um indivíduo, no entanto isso é sobre a democratização do cuidado e a interdependência.

O trabalho de cuidados para Novaes (2015) transpõe o privado, uma vez que as mulheres assumem essas atividades como renda financeira, sobretudo as mulheres negras, sendo atividades comuns como cuidadoras. Tronto considera que “[...]A necessidade de repensar formas apropriadas de cuidar também suscita a questão mais ampla sobre a configuração das instituições políticas e sociais em nossa sociedade.[...]”(1997, p.201).

Partindo da premissa que “o pessoal é político”, sendo um *slogan* do movimento feminista na década de 70, requer uma discussão social desses trabalhos, garantindo serviços como educação de qualidade em creches e escolas, para que consiga garantir oportunidades de vida para essas mulheres.

A sociabilização das mulheres se constrói nos espaços do bairro como escolas, que são lugares de encontro, fazendo parte do cotidiano e das relações que são estabelecidas. Assim, podemos evidenciar que essas mulheres sabem exatamente o que e como pode melhorar, podendo ser levadas a construção de políticas que visam melhorar a vida e as condições das pessoas.

Todavia, entendemos necessário demarcar as suas particularidades em relação a outras formas de trabalho e serviços de provisão de bem-estar, inclusive para valorizar a importância do vínculo emocional que se estabelece no cuidado. [...] Ou seja, o ato de cuidar não é realizado de modo plenamente espontâneo e criativo, mas é constricto por práticas consolidadas em cada sociedade, em cada período. E essas práticas sociais são permeadas por discursos ideológicos. Essas interações entre os sujeitos do cuidado mobilizam significados, que são construídos por meio de discursos ideológicos, como é o caso do patriarcal, que estabelece e legitima práticas sociais demarcadas por desigualdades de gênero, classe e raça. (MARCONDES, 2017, p.8).

O cotidiano é composto por práticas sociais, permeados pelos discursos ideológicos que são mobilizados e demarcados diariamente na rotina. A televisão traz o processo da representação, em que apresentam uma ideia, e a partir da mediação o sentido é construído. A novela é ficção e que tudo pode acontecer, a representação está sendo construída diariamente com as ideias de comportamento que pode mudar a estrutura das pessoas.

Pensando em como a telenovela propõe as reflexões para quem as consome, na qual os sentidos são construídos a partir de como as subjetividades dessas mulheres são construídas. Enquanto possibilidade a televisão pode propor os refúgios diários, em que há uma territorialidade ficcional que segundo Borelli (2001) referencia uma matriz cultural que a partir desse acesso elas significam o que assistem a partir de suas vivências. Os sentidos construídos e o que representa nos remete a um condicionamento social de linguagem, que dentro das experiências cotidianas consomem aquele produto cultural.

Então pergunto se Gael agora ficou bom e Mariza explica que na novela mostrou que ele fez isso com Clara por que a mãe, Sofia, o espancava quando criança. Assim como ele achava que era o amor, fez tratamento com psicólogo em que conseguiu lembrar de toda a infância em que não lembrava. Ai foi entendendo o porquê da violência. (Diário de campo, dia 3, 26/04/2018)

Assim Francinete comenta sobre as personagens: “as muié dessa novela tudo querem casar, uns homens bonitos, olha lá esse (uma cena com dois rapazes) e assim né, a gente pensa que só quer o melhor para nossas filhas, e então já pensamos que elas casem com homens ricos, por que isso é o melhor”. (Diário de campo, dia 3, 26/04/2018)⁹.

⁹ Diário de campo a partir de uma pesquisa de mestrado ainda não concluída, a metodologia foi um experimento etnográfico a partir da ótica feminista, em que durou três meses, de março a maio, de acompanhamento com duas mulheres assistindo telenovelas uma vez por semana do ano de 2018.

A partir de experiências diárias de duas mulheres negras, Francinete e Mariza, e de suas trajetórias que perpassa sobre a significação as representações da telenovela. Francinete, mulher negra, casada, tem três filhos, Mariza é mãe solo e tem uma filha, a partir disso podemos analisar em como o sentido pode mudar.

Mariza entende a violência, vindo da parte materna do personagem e como é construído esse comportamento violento a partir da infância dele. Ainda considera sua formação enquanto pedagoga, que compreende esse processo como formativo. Francinete compreende o casamento a partir de sua vivência, que dentre as alternativas de futuro, é considerado o melhor para suas filhas. A partir do retrato da telenovela é possível entender a mediação dentro de suas trajetórias e experiências. O sentido é construído através de elementos mediadores e os significados que faz parte de suas subjetividades e identidades.

As relações que essas mulheres estabelecem uma rotina diária faz com que haja referências para a realidade vivida. Assim esses elementos atravessam a vida dessas mulheres faz parte da formação de suas identidades, em que as imposições de gênero perpassam, mas não dão conta de suas singularidades como retrata Sacramento e Neiva (2011, p. 84) que “[...] nesse processo, as mulheres da periferia respondem às demandas locais pelo viés disjuntivo da alteridade, a partir de fissuras e deslizamentos identitários próprios e injunções diferenciadas[...]”. Pensando no movimento não estacionário as representações periféricas acompanham esse fluxo, em que essas identidades vão sendo significadas, negociando as linguagens com suas experiências, podendo repensar esse processo como territorialidade midiática.

Uma vez que, o hegemônico é representado na televisão, quando o que foge dessa representação são as condições do corpo negro que não têm oportunidades sociais e históricas de transpor os processos subalternos da sociedade. Ressalva-se a importância dessa visibilização para a construção de identidades, uma vez que a representação faz parte da negociação de sentidos, podendo ser a televisão um canal importante para dissolver essa falsa democracia racial que ainda é presente na sociedade brasileira.

As colaboradoras em questão se autodeclaram pardas e afirmam “que não existe tabela para cores”, mesmo tendo características fenotípicas negras o que nos faz refletir sobre como a identidade negra é construída e habitam seus imaginários. Andrade (2007) argumenta que a mídia constrói identidades virtuais a partir não só da negação e recalçamento da identidade negra, mas que vem alimentado com rejeição e preconceito. Ainda nos discursos ideológico é possível entender que há uma necessidade de difundir a falsa democracia racial.

Entretanto, ao avaliar a trajetória do ator negro ao longo da História da Telenovela Brasileira, mensuramos o quanto foram inexpressivas as colaborações dessas telenovelas para construção e propagação de uma identidade negra positiva e para lançar o debate do racismo na esfera pública. (ANDRADE, 2007, p10)

Essa dificuldade de debater o racismo na esfera pública faz com que a identidade negra seja marcada por preconceitos e incidências opressoras na construção da subjetividade desses sujeitos. Assim a mídia pode ser um elemento de transformação, e por vez reafirma os estereótipos raciais e de gênero. Na história da televisão é possível identificar as mulheres negras sendo sensualizadas ou colocadas como empregadas, fazendo o imaginário transpor a realidade, naturalizando os lugares sociais assumidos nesse processo racial. As interseccionalidades que compõem em suas identidades de raça, classe, étnicas, sexuais e regionais, fazem sentido e como elas significam as representações a partir de suas realidades.

A mediação de sentidos a partir da telenovela influencia em como essa linguagem vai ser entendida e interpretada por elas. Assim, a experiência no ambiente urbano periférico influencia também suas identidades. Na perspectiva das subjetividades periféricas

na rotina das colaboradoras tem uma leitura diferente sobre os ciclos de violência e a padronização da beleza na televisão, uma evidencia na ficcionalidade entendida por elas.

Mariza comenta: “Mas como é novela que pode tudo, ela vai poder né? Ai ela vai lá, vão ver que ela já sarou, por que o tempo também é o de novela, e vai acabar doando, quer vê tu espera!” (Diário de campo, dia 2, 12/04/2018) Mariza palpita: “ela não vai falar, e ele vai saber só daqui muito tempo, por que novela né tu sabe!” (Diário de campo, dia 6, 16/05/2018) Em uma cena que Catarina (Bruna Marquezine) faz mais uma armação, Mariza comenta: “essa daí só faz isso, chega dá é raiva! Ela manipula todo mundo da novela!” (Diário de campo, dia 7, 21/05/2018).

Francinete comenta: “acordam bonitos e bem vestidos, com cabelo arrumado e sem bafo nem nada, acordam prontos.” Ainda comentou que nessa novela só tem homem bonito e lindo. E vai apontando para eles, falando: “nossa! Não sei quem é mais bonito!” risos. (Diário de campo, dia 5, 09/05/2018)

A teleficcionalidade é entendida, e que ainda assim provoca reflexões, entre aproximação e/ou distanciamento do que é retratado. Na qual é explícito a diferença da ficção e não ficção, mas que no contato diário constrói padrões e comportamentos em linguagens que poderia alavancar melhores reflexões sociais com as tramas ficcionais.

A ideia de ressignificação é trazer a territorialidade midiática diante de suas vivências e como o consumo televisivo referencia essa construção. Ainda que haja uma lacuna entre a realidade que se vive e de como são retratadas, mas que compõe referências de representação. O avanço de discussões nas telenovelas em uma agenda social acontece, em enredos que traz a violência contra a mulher, abuso sexual, mas que por vezes as condições de discussões como o racismo, entra no âmbito da sociedade que arriscaria a indústria economicamente.

Essa agenda social impulsona o retrato das pessoas e suas reflexões de si, com discursos diversos e diante de elementos conseguem ter uma multidimensionalidade nos diferentes espaços sociais. Assim, na construção das identidades na subjetividade periférica existe as potencialidades de si enquanto sujeito e a subalternidade que naturaliza esse lugar social, assumidos por mulheres nas esferas sociais e reforçados esteriótipos na representação televisiva.

Considerações finais

As discussões promovem um (re)ver e (re)pensar em que espaço a telenovela têm com essas mulheres e a perspectiva na rotina. Pensando em como é composto a partir de um olhar central delas enquanto protagonismo dessa realidade, em uma tentativa de visibilização social na crítica feminista. A partir do cotidiano e das práticas sociais, a realidade é construída com ajuda do imaginário, na qual os meios culturais o compõem como a telenovela é vista. Diante das subjetividades construídas e dos percursos preferidos dessa investigação, as considerações da teleficcionalidade em questão têm um grande espaço para a construção das múltiplas identidades que as mulheres, sobretudo as significações, são adotadas dessas experiências de vida, que inclui e influi o lugar que elas moram e como se organizam socialmente.

Referências

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. **Cadernos Pagu**, v.19, p. 171-194, 2002.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e Política na periferia de São Paulo.** 2013. 295 f. Tese (Pós-Graduação em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **Periferia, substantivo feminino.** Revista Geni. Junho, 2016. <<http://revistageni.org/06/periferia-substantivo-feminino/>> Acessado em 15/08/2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. **Revista Matrizes**, v. 12, p. 99-113, jan/abr. 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Org. Arthur Ituassu. Tradução Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Apucuri, 2006. 260 p.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 410 p.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Caderno de Pesquisa.** v. 37, n 312, p. 595-609, set/dez, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Revista Matrizes**, v.8, p. 65-80, jan/jun. 2014.

LOPES, Maria. I. V; BORELLI, Sílvia H. S.; RESENDE, Vera da R. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo. Editora Summus, 2002. 394 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 5ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. 360 p.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTS, Alecsandro J. P. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia.** Instituto de Estudos Sócio-Ambientais- UFG. Goiânia – Goiás, v.28, n.1, jan/jun. 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Almeida, Marcos Pereria Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2010. 133p.

TEXEIRA, Marilane Oliveira; FARIA, Nalu. **Empoderamento Econômico das mulheres no Brasil: pela valorização do trabalho doméstico e do cuidado.** São Paulo: editora OXFAM Brasil, 2018.

TONON, Joseana B. Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela “Mulheres Apaixonadas”. **Comunicação e Informação**, v. 9, número 1, p. 30-41, jan/jun. 2006.

Recebido em 5 de julho de 2019.

Aceito em 4 de setembro de 2019.